

O USO VARIÁVEL DA VIBRANTE
NA CIDADE DE JOÃO PESSOA

Nadir Arruda Skeete(UFPB)

1 Introdução

A vibrante tem sido objeto de estudo de inúmeros trabalhos lingüísticos, não apenas no Português, como também nas mais diversas línguas, já que cerca de 75% das línguas do mundo possuem alguma forma de *r*. (Lindau, 1985)

No português, os estudos sobre a vibrante passam pelos campos da Fonética e da Fonologia e, mais recentemente, pelo terreno da Sociolingüística. No que diz respeito à Fonética e à Fonologia, o interesse em torno do *r* deve-se, principalmente, à diversidade de formas fonéticas empregadas na sua realização e à controversa questão de seu *status* fonológico, isto é, se haveria um ou dois fonemas vibrantes no português e qual deles estaria na estrutura subjacente.

Os estudos sociolingüísticos, por outro lado, têm buscado esclarecer a relação que existe entre o uso das variantes do *r* e determinados fatores lingüísticos e extralingüísticos. Um dos aspectos que mais chamam a atenção é o comportamento variável da vibrante pós-vocálica, com destaque para o seu apagamento, especialmente, em final de palavra. Em alguns desses estudos, comprovou-se o papel condicionador que exercem alguns fatores extralingüísticos, como a faixa etária, o sexo e a escolaridade do falante, e lingüísticos, como o contexto fonológico, a classe morfológica e a dimensão do vocábulo, dentre outros.

Este trabalho pretende avaliar esse aspecto do português falado no Brasil, mais especificamente na cidade de João Pessoa. Inicialmente, faremos um breve histórico da vibrante quanto ao seu caráter fonético-fonológico, do latim ao português contemporâneo e, depois, falamos um pouco sobre a Teoria da Variação, para só, então, apresentarmos os resultados da análise estatística dos dados da vibrante pós-vocálica em posição interna, examinando-se cada uma das variáveis e discutindo-se o seu papel no condicionamento das variantes.

2 Histórico da vibrante

Ao longo dos tempos, a vibrante vem passando por inúmeros processos de mudança, tendo modificado não apenas o ponto de articulação, mas também o modo de articulação, deixando de ser vibrante para tornar-se fricativa, e até deixando de ser articulada em alguns casos. Essas mudanças, ainda não totalmente implementadas, pressupõem um estado de variação, como veremos.

No latim o r era uma vibrante anterior, produzida pelas vibrações da ponta da língua na região dental-alveolar. Entre duas vogais, a exemplo de outras consoantes latinas, essa articulação desdobrava-se numa geminação, opondo palavras como *ferum-ferrum*. (Cf. Câmara Junior, 1975, p. 48-49). Tratava-se, pois, de um r monovibrante e outro polivibrante.

Na Península Ibérica, como afirma Callou (1987, p.19),

o r monovibrante evoluiu para r polivibrante em certas posições (inicial e precedida de L, N, S). [...] Em posição intervocálica não houve reforço, pois desfaria a oposição r x rr, reforço que também não se verifica no segundo elemento dos grupos consonânticos.

Dessa maneira, nas palavras de Câmara Júnior (1975, p.50), tem-se a distribuição das vibrantes no português:

/rr/, perdida a articulação geminada, manteve-se distinto de */r/* simples intervocálico, que sofreu uma lenização e se tornou o chamado */r/* brando, enquanto */rr/*, como */r/* inicial ou, pelo menos, não intervocálico, mantinha uma articulação 'forte', de vibração múltipla.

Fernão de Oliveira, em sua *Gramática da linguagem portuguesa*, descreve suas pronúncias em 1536:

pronuncia-se o r singelo com a língua pegada nos dentes queixais de cima, e sai o bafo tremendo na ponta da língua. Do rr dobrado, a pronúnciação é a mesma que a do r singelo, senão que este dobrado arranha mais as gengivas de cima, e o singelo não treme tanto, mas tamalavez é semelhante ao l. (Cf. Oliveira, 1975, p. 55)

Assim, de geminada vs. simples, no latim, a vibrante passaria a forte vs. branda no português, opondo-se, fonologicamente, apenas em posição intervocálica, em palavras como *carro* e *caro*. Nos demais casos,

essa oposição é neutralizada. Como elemento pré-vocálico inicial (*rato, rico, resiste*) ou medial (*gueltra, enrolado, Israel*), tem-se o r forte. Como segundo elemento do encontro consonantal (*procura, bravo, livro*), só ocorre o r brando. Já em posição pós-vocálica, em que trava sílaba no meio do vocábulo (*força, perdido*), ou no final (*mar, vender*), o r pode realizar-se como forte ou brando e até não se realizar, dependendo dos contextos lingüístico, social e regional.

Do ponto de vista fonético, o r brando é uma vibrante simples anterior alveolar sonora, enquanto que o r forte, historicamente, é uma vibrante múltipla anterior ápico-alveolar sonora. Todavia, essa articulação ápico-alveolar da vibrante forte vem, cada vez mais, sendo substituída por uma articulação posterior, que provavelmente teve início no século XIX.

Gonçalves Viana, um dos primeiros foneticistas do português, em trabalho de 1883, (apud Callou, 1987, p. 10) constata a existência de realizações posteriores da vibrante, não sabendo, porém, até que ponto elas seriam individuais ou dialetais e, em sua obra *Portugais*, de 1903, (apud Callou, 1987, p.10) afirma que tais realizações difundem-se mais e mais nas cidades.

A mudança na realização do r forte, de anterior para posterior, aconteceu também em outras línguas e é explicada por alguns autores como resultante do relaxamento na articulação anterior da vibrante múltipla, devido à grande força articulatória despendida na sua realização, prevalecendo o toque do dorso da língua na região velar. (Gaya, 1953 e Hammarström, 1953). Ocorre, assim, um enfraquecimento da pronúncia da vibrante forte, cuja vibração pode até desaparecer se não mais houver obstáculo na passagem do ar. (Malmberg, 1954).

Descrevendo as realizações do r forte no português contemporâneo, Câmara Junior, (1971, p.16), afirma:

Correspondem a um estado de flutuação fonética, que no plano descritivo, ou sincrônico, é a contraparte de um lento trabalho diacrônico de mudança, que vai pouco a pouco, ganhando novas áreas de falantes. [...] a marcha diacrônica é no sentido da substituição da articulação ântero-bucal (vibração múltipla da ponta da língua junto aos dentes superiores) por uma vibração posterior, que vai da vibração da raiz da língua junto ao véu palatino à tremulação da úvula e à mera fricção faríngea.

Acrescente-se a isso o problema da perda do travamento silábico por vibrante, por meio da sua ligação com a vogal da palavra seguinte, tornando-se branda (Cf. Câmara Junior, 1970, p. 60), no caso das finais, ou pelo simples apagamento, que ocorre mais nas finais e menos nas mediais, e tem-se um quadro básico da variação fonética da vibrante no português contemporâneo.

Aliás, a perda do travamento silábico por vibrante decorrente do seu

apagamento, como é mais comum, parece ter alguns prenúncios no próprio latim. A respeito da vibrante interna, registra Oliveira (1983, p. 76), a partir de Lima Coutinho (1954), que, no *Appendix Probi*, encontra-se a correção *persica non pessica*. Registra, ainda, alguns casos de desaparecimento da vibrante do latim para o português como **persicu*>*pêssego* e *persona*>*pessoa*, além de algumas formas do português arcaico, que se escrevem *cossairo*, *vesso* e *osso*, em vez de *corsário*, *verso* e *urso*, cujas formas hoje são assim, porque foram resgatadas diretamente do latim. Isso demonstra que já havia, naquela época, uma tendência à supressão da vibrante travadora de sílaba.

Com relação à vibrante final, como é constatado por Votre (1978, p.36), há poucos dados sobre o período que antecede a formação do português, o que, para ele, provavelmente, deve-se ao fato de que, no latim, eram poucas as palavras terminadas em *r*, apenas as da 2ª e 3ª declinações. Mas ele observa que, no português arcaico, século XVI, há uma forte tendência ao apagamento do *r* final dos infinitivos na fala de negros dos personagens de Gil Vicente: *trazee*, *queree* e *podê*, em vez de *trazer*, *querer* e *poder*. (Cf. Teyssier, 1959, p.243).

De lá para cá, a queda da vibrante final foi, cada vez mais, ganhando espaço na linguagem coloquial do português brasileiro, sendo condenada pelos gramáticos, já que frequentemente esteve associada à fala do povo iletrado ou de grupos sócio-econômicos inferiores. (Cf. Bueno, 1944 e Cunha, 1968). Entretanto, como constata alguns estudos variacionistas (Votre, 1978; Callou, 1987 e Oliveira, 1983, entre outros.), essa tendência está bastante generalizada e permeia todos os grupos sociais.

Neste trabalho, iremos apresentar somente os resultados da vibrante interna, isto é, travando sílaba no interior de vocábulos.

3 Considerações teórico-metodológicas

Devido ao seu caráter variável, a vibrante tem constituído material para a Sociolinguística, especialmente, na linha variacionista, iniciada, na década de 60, pelo linguista americano William Labov (Labov, 1966), cujo método permite, através da quantificação e análise de dados da fala, avaliar a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos.

A Teoria da Variação, como é mais conhecida, é, assim, um modelo teórico-metodológico, que procura estabelecer as conexões entre língua, indivíduo e sociedade, visando a preencher lacunas de modelos teóricos anteriores.

Embora reconhecessem o caráter individual e social da língua, os estruturalistas interessavam-se mais pelo seu estudo como um fato abstrato. Procuravam, dessa maneira, descrever a estrutura invariante, geral e social, a *langue*, que se opunha à *parole*, variável e individual por natureza.

Os gerativistas, por sua vez, tinham o indivíduo como o falante-ouvinte ideal, inserido numa comunidade lingüística homogênea. A competência do falante consistia em criar um número infinito de frases com base em um número finito de regras, que descreveriam o sistema lingüístico. Não levavam em consideração o caráter heterogêneo da língua, sendo tais regras categóricas.

Logo, tanto a *langue* dos estruturalistas como a “competência” dos gerativistas são conceitos ideais e abstratos. O modelo sociolingüístico, ao contrário, trabalha com dados concretos, isto é, o seu principal objeto de descrição é a fala viva em seu contexto social, em oposição à língua altamente idealizada dos modelos anteriores. Busca-se, evidentemente, a descrição da língua, mas tem-se a sua atualização na fala como suporte.

Partindo do pressuposto de que a estrutura da língua é tão complexa quanto à estrutura social da comunidade em que ela funciona, a Sociolingüística procura esclarecer a relação entre estrutura lingüística e estrutura social na variação. Labov (1969) propõe que a regra gramatical de descrição da língua deve ser incorporada a regra variável presente na fala, cuja aplicação estaria condicionada por fatores lingüísticos e sociais.

Dessa maneira, as variantes, que são as diversas formas lingüísticas usadas para se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, com um mesmo valor de verdade, não seriam tão livres quanto se apregoava. Embora idênticas do ponto de vista de seu valor referencial, para Labov (1972, p. 271), elas se opõem quanto a seu significado social e/ou estilístico.

Assim, o método que permite formular a regra variável consiste em estudar a língua como forma de comportamento social, por meio da quantificação e análise de produções lingüísticas da fala, verificando a interferência de fatores lingüísticos e extralingüísticos, os quais interagem motivando a escolha de determinada forma lingüística em detrimento de outras.

Embora pareça caótica, a variação, e conseqüentemente a mudança, pode ser sistematizada. Através do método de pesquisa laboviano, o qual, feitas algumas modificações, é resultante das técnicas utilizadas pelos dialetologistas, pode obter-se um quadro nítido da variação, que é concebida como parte integrante do sistema lingüístico. O ponto de partida é, então, um levantamento de dados da língua falada, representativos do vernáculo da comunidade.

O nosso trabalho baseou-se na amostra previamente coletada pelo Projeto Variação Lingüística da Paraíba. A amostra é constituída de 60 informantes da cidade de João Pessoa, sendo 30 do sexo masculino e 30 do sexo feminino, distribuídos, ainda, igualmente por faixa etária e de acordo com os anos de escolarização. Quanto à faixa etária, há três grupos de idade com 20 informantes cada, pertencendo às faixas de 15 a 25 anos, em que se têm jovens à procura de trabalho; de 26 a 49, caracterizada pela

força de idade em pleno trabalho; e de 50 anos em diante, idade madura, retirando-se do trabalho. No que diz respeito aos anos de escolarização, os informantes foram divididos em 5 grupos, com 12 informantes cada, do seguinte modo: nenhum ano de escolarização, 1 a 4 anos, 5 a 8, 9 a 11 e mais de 11 anos.

Na seleção dos informantes, foi utilizada a técnica de amostra aleatória por área, que consistiu, inicialmente, no sorteio de 9 bairros e, depois, de 2 ruas por bairro, onde se aplicaram 600 questionários, e de onde se extraiu a amostra final. Cada informante satisfazia os seguintes requisitos: a) ser natural de João Pessoa ou morar nesta cidade desde os 5 anos de idade; b) nunca ter passado mais de 2 anos consecutivos fora de João Pessoa. (Cf. Projeto VALPB, 1995).

As gravações da fala tiveram duração aproximada de 60 minutos por informante, cujos dados, coletados, transcritos e armazenados eletronicamente nos anos de 1993 a 1995, estão permitindo a realização de inúmeros estudos, entre os quais este.

Na análise dos dados, procura-se encaixar a variável no sistema lingüístico e social da comunidade, determinando o *status* sociolingüístico das variantes, as quais podem ser consideradas padrão ou não-padrão, conservadora ou inovadora e estigmatizada ou de prestígio.

É certo que nem toda variação é sinal de mudança, mas qualquer mudança pressupõe um estado de variação (Weinreich, Labov e Herzog, 1968, p. 188). Por isso, torna-se necessário projetar, historicamente, a variável no sistema sociolingüístico, com vistas a detectar os possíveis rumos que as variantes tomarão. Essa projeção, que pode ser feita no tempo real ou aparente, visa, portanto, a diagnosticar se a variação é estável ou se está em processo de mudança. O tempo real equivale a um determinado espaço de tempo cronológico, isto é, diacrônico. O tempo aparente é uma projeção do tempo cronológico feita num momento estático a partir de diversas faixas de idade dos informantes. Em nossa projeção, valemo-nos somente do tempo aparente.

Na análise dos dados da fala, feita por meio do pacote VARBRUL (Pintzuk, 1988), encontramos as seguintes realizações para o r: vibrante simples, fricativa posterior velar ou aspirada, zero fonético, retroflexa e vogal.

A única vibrante encontrada nos dados foi a vibrante simples, de uma só batida, que se confunde, no português, com o que alguns autores chamam de tepe ou flepe. Trata-se de um som [r] emitido pelo rápido contato da língua contra os alvéolos ou contra os dentes.

A exemplo de outras cidades, em João Pessoa também ocorreu, além da posteriorização da vibrante múltipla anterior, a fricativização, que oscila entre velar [x] e glotal (aspirada) [h]. Embora essas duas formas sejam diferentes articulatoriamente, optou-se por amalgamá-las porque apresentam uma razoável semelhança acústica, que, não raras vezes, im-

pedem qualquer distinção. A predominância, no entanto, é da forma aspirada, com esparsas ocorrências da forma velar.

Outra forma encontrada, para representar o r , foi o zero fonético. Estamos chamando de zero fonético a completa ausência de som [Ø], ou seja o apagamento.

O som retroflexo encontrado nos dados consiste na elevação da ponta da língua, a qual se encurva na direção da região palato-alveolar, retraindo a sua parte anterior, numa quase vocalização. Trata-se do som [ɣ], encontrado também em Belo Horizonte nos dados de Oliveira (1983).

Foram encontradas algumas vezes a vocalização em [i] ou [u], respectivamente, em palavras como *porco* e *carvão*.

Dentre os grupos de fatores apontados como passíveis de influenciar nas realizações do r forte em posição de travamento, selecionamos algumas variáveis lingüísticas e extralingüísticas que já haviam sido dadas como determinantes em outros estudos variacionistas.

As variáveis extralingüísticas estão em conformidade com o Projeto VALPB, o qual já havia selecionado e agrupado os informantes em células de acordo com a faixa etária, o sexo e a escolaridade.

A faixa etária, aliás, parece ser uma importante variável nos fenômenos da variação. Geralmente, espera-se que os informantes mais velhos sejam menos inovadores do que os jovens e, portanto, mais resistentes às mudanças. Além disso, na impossibilidade de se verificar o processo de mudança, decorrente da variação, no tempo real, procura-se observá-lo no tempo aparente por meio de informantes de diferentes idades. Aqui, vêem-se três faixas de idade: a) 15 a 25 anos; b) 26 a 49 anos; e c) 50 anos ou mais.

O sexo, por sua vez, tem sido visto com interesse pelos estudiosos variacionistas. A mulher é apontada ora como mais propícia às inovações do que o homem, ora como mais conservadora do que este. Os dialetologistas já demonstravam que essa tendência inovadora - ou não - da mulher está condicionada ao tipo de vida que ela tem na comunidade (Cf. Manuel Alvar apud Callou, 1987, p. 31).

Callou (1987) e Oliveira (1983) ratificam essa posição. Enquanto que o trabalho daquela considera a mulher como inovadora nas mudanças estudadas, o trabalho deste atribui ao homem o papel de líder nas mudanças, o que é justificado, no primeiro caso, pelo fato de que "a mulher passou a atuar de forma diferente dentro do contexto social, assumindo um papel economicamente mais ativo" (Cf. Callou, 1987, p.31), e, no segundo caso, pela razão de que, na comunidade de fala em questão, o homem, não a mulher, possuiria maior mobilidade social (Cf. Oliveira, 1983, p. 229).

Diversos estudos sociolingüísticos também têm demonstrado que a mulher é mais propensa do que o homem à utilização de formas lingüísticas de prestígio, o que seria justificado pela sua maior sensibilidade e observância aos padrões impostos pela sociedade.

No que se refere à escolaridade, é consenso que o alto nível de escolarização de uma pessoa produz nela uma conscientização lingüística maior, o que pode influir nos fenômenos da variação e da mudança. Procuramos, então, estabelecer a relação existente entre o uso das variantes do *r* e os diversos graus de escolarização, os quais estão subdivididos do seguinte modo: a) nenhum ano de escolarização; b) 1 a 4 anos; c) 5 a 8 anos; d) 9 a 11 anos; e e) acima de 11 anos.

As variáveis lingüísticas selecionadas seguem a mesma linha de outros trabalhos variacionistas. Dessa forma, observamos a dimensão do vocábulo, a classe morfológica, o contexto fonológico precedente e seguinte e a tonicidade.

Com relação à sua dimensão, classificamos os vocábulos em três categorias: duas sílabas (*porta*), três sílabas (*mercado*) e mais de três sílabas (*preservação*). A hipótese inicial é de que quanto maior o número de sílabas, maiores chances há de o *r* ser apagado.

Com o trabalho de Votre (1978), ficou demonstrado que a variação manifesta-se diferentemente nos diversos itens lexicais. Por isso, buscou-se analisar a correlação entre a classe do vocábulo e a ocorrência das variantes do *r*. Inicialmente, foram observadas as seguintes classes: a) substantivo (*espingarda*), b) verbo (*marquei*), c) adjetivo (*forte*), d) advérbio (*anteriormente*) e e) outras, compreendendo as demais (*porque*).

Antes do *r* pós-vocálico, obviamente, têm-se as vogais como contexto fonológico precedente, as quais foram divididas em: a) anterior [e, i] (*perde, circo*), b) central [a] (*farda*) e c) posterior [o, u] (*força, turco*). Preferiu-se essa divisão à dos traços fônicos [\pm arredondado], [\pm retráctil] e [\pm alto], em razão de agrupar melhor os tipos vocálicos de acordo com a posição da língua, o principal órgão da fonação.

Devido ao grande número de fatores existentes no contexto seguinte, as consoantes foram agrupadas pelo ponto de articulação da seguinte forma: a) velares [k, g] (*porque, pergunta*), b) alveolares [t, d, n, l] (*transporte, perdeu, carne, Carlos*), c) bilabiais [p, b m] (*corpo, barba, armadilha*), d) palatais [x, j] (*marcha, sargento*), e) ¹abiocentrais [f, v] (*perfeito, preservação*), f) sibilantes [s, z] (*percebe, catorze*). As sibilantes foram isoladas, porque, historicamente, mostraram-se favoráveis à queda do *r* como elemento travador de sílaba.

Quanto à tonicidade, supomos que, se o *r* aparece numa sílaba átona, por questões articulatórias, é mais fácil de ser suprimido. Assim, observamos o comportamento do *r* de acordo com a tonicidade da sílaba em que o mesmo aparece, que pode ser: a) átona (*mercado*) ou b) tônica (*corda*).

4 Análise dos dados

Das 9.859 ocorrências registradas, 7.225 foram realizações fricativas (*pa[h/que*), 360 foram retroflexas (*po[ɣ/ta*), 67 foram vibrantes simples (*ve[r/gonha*) e 33 foram vocalizações em *i* (*po[i/co*) ou *u* (*se[u/viço*). O zero fonético (*cu/∅/so*) ocorreu em 2.174 casos. A frequência de cada variante em número de ocorrências e percentagem pode ser vista na tabela 1, mais adiante. Observamos que predomina o uso das fricativas com 73% dos casos. O apagamento vem em segundo lugar, com 22%. As outras variantes possuem uma frequência muito baixa, razão pela qual serão amalgamadas, evitando, assim, a formação de *knowckouts*, os quais impedem que os dados sejam rodados pelos programas de cálculo do peso relativo. Além disso, essas variantes apresentaram um condicionamento extralingüístico muito semelhante, tendo ocorrido, principalmente, entre os informantes mais velhos, do sexo masculino e com nenhum ou poucos anos de escolarização.

Tabela 1
Número e percentagem de ocorrências de cada variante

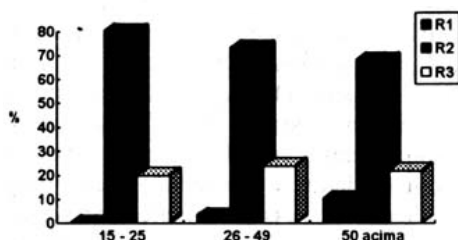
VARIANTES	Nº	%
R1 [r]	67	1
R2 [x] ou [h]	7225	73
R3 [∅]	2174	22
R4 [ɣ]	360	4
R5 [i] ou [u]	33	0
TOTAL	9859	100

De acordo com a distribuição de cada variante pelas diversas faixas de idade, pode-se depreender se a mesma está em processo de mudança ou se é estável. Se a variante ocorre indistintamente em todas as faixas, isso pode significar a sua estabilidade dentro do sistema. Mas, se ela ocorre com maior frequência nos grupos de idade mais avançada e vai gradativamente diminuindo a sua participação pelos grupos de menor idade, pode-se estar diante de um processo de mudança com vistas ao desaparecimento dessa variante, assim como, se ela ocorre mais nos grupos de menor idade e é pequena a sua participação nos grupos de idade mais avançada, pode-se estar diante de um processo de mudança com vistas a implementação dessa variante.

No gráfico 1, abaixo, podem ser vistos os resultados das variantes depois de amalgamadas nos três grupos de idade selecionados. R1 é composta pela vibrante [r], pela retroflexa [ɣ] e pelas vocalizações em [i] ou

[u]. R2 representa as variantes fricativas [h] e [x], enquanto que o apagamento [Ø] é representado por R3.

Gráfico 1 - Frequência das variantes por Faixa Etária



Embora predomine maciçamente em todas as faixas etárias, as variantes fricativas (R2) são menos recorrentes na faixa de 50 anos em diante, com 68% de frequência, aumentando paulatinamente para 73% na faixa de 26 a 49 anos até chegar a 80% de frequência na faixa de 15 a 25 anos. O apagamento (R3), por sua vez, mantém-se estável nas três faixas, oscilando entre 20 e 24% de frequência. Já as variantes vibrantes, retroflexas e vogais (R1) percorrem caminho inverso ao das fricativas. O maior índice, que é de 10%, está no grupo de informantes com 50 anos acima, diminuindo gradativamente para 3% entre os de meia idade e chegando a zero no grupo de jovens.

Na realidade, essas variantes que compõem R1 estão associadas aos falares interioranos do homem do campo e, por isso, são consideradas conservadoras e sem nenhum prestígio social. Uma delas, a retroflexa, a qual possui o maior número de casos depois das fricativas e do zero fonético, foi apontada por Oliveira (1983, p. 180-1) como estigmatizada porque dotada de conotação rural e uma de suas variações já havia sido descrita por Amaral (1976) como a forma fonética de *r* no dialeto caipira.

Em termos probabilísticos, como mostra a tabela 2, a seguir, isso significa que as faixas de 15 a 25 anos inibem o uso de R1, favorecendo a aplicação das fricativas e do zero fonético. A faixa que vai de 26 a 49 anos favorece um pouco o uso de R1, inibindo a utilização de R2 e permanecendo neutra frente a R3. E a faixa de 50 anos em diante apresenta-se, claramente, como favorecedora na aplicação de R1 e inibidora das variantes R2 e R3, as quais possuem percentuais relativos bem aproximados, respectivamente .13 e .12.

Tabela 2
 Freqüência e probabilidade de aplicação
 das variantes por faixa etária

Faixa etária	R1 [r], [ʀ] e [i] ou [u]		R2 [x] ou [h]		R3 [ø]	
	APL/TOTAL = %	P. REL.	APL/TOTAL = %	P. REL.	APL/TOTAL = %	P. REL.
15 - 25	5/2993 = 0	.06	2393/2993 = 80	.52	595/2993 = 20	.42
26 - 50	97/3355 = 3	.42	2461/3355 = 73	.25	797/3355 = 24	.33
> 50	358/3511 = 10	.54	2371/3511 = 68	.13	782/3511 = 22	.12

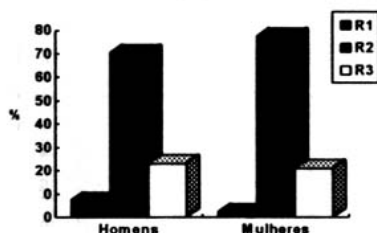
Esses resultados mostram que as fricativas tendem a manter-se ao lado do apagamento, como variáveis estáveis, ao passo que as outras variantes parecem ter o desaparecimento como destino.

O sexo, como uma variável social, sempre despertou o interesse dos dialetologistas. E, mais recentemente, também chamou a atenção dos sociolinguistas. Muitos estudos no âmbito da Sociolinguística Quantitativa demonstraram que ele tem um papel significativo nos processos de variação e mudança. (Cf. Chambers, 1995). As mulheres, por serem mais vaidosas, sensíveis e atenciosas, favorecem a ocorrência de formas linguísticas mais prestigiadas socialmente. Com relação à mudança, conforme foi visto anteriormente, elas são apontadas ora como inovadoras, ora como conservadoras. Sabe-se, no entanto, que esse papel está relacionado com o tipo de mudança que está sendo implementado, se é em direção a uma forma prestigiada ou a uma forma não prestigiada.

Quando se trata de implementar na língua uma forma considerada prestigiada, as mulheres tendem a liderar o processo de mudança. Quando, ao contrário, se trata da implementação de uma forma desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a ponta do processo de mudança. (Paiva in Mollica, 1992, p. 71)

Dessa forma, de acordo com a distribuição das variantes por sexo, consegue-se determinar o *status* sociolinguístico das mesmas. Se uma variante é mais realizada pelas mulheres do que pelos homens, geralmente, ela pode ser considerada padrão. Por outro lado, se essa variante é mais recorrente entre os homens do que entre as mulheres, ela é mais passível de ser estigmatizada.

Gráfico 2 - Frequência das variantes por sexo



No gráfico 2, acima, observa-se que as variantes rurais, representadas por R1, incidem mais na fala masculina do que na feminina, ao passo que as fricativas (R2) são mais frequentes entre as mulheres e o apagamento (R3) possui índices aproximados para ambos os sexos, com pequena diferença em favor dos homens.

Tabela 3

Frequência e probabilidade de aplicação das variantes por sexo

SEXO	R1 [r, [ɣ] e [j] ou [u]		R2 [x] ou [h]		R3 [Ø]	
	APL./TOTAL = %	P. REL.	APL./TOTAL = %	P. REL.	APL./TOTAL = %	P. REL.
Masculino	349/5045 = 7	.49	3536/9045 = 70	.25	1160/5045 = 23	.26
Feminino	111/4814 = 2	.21	3689/4814 = 77	.40	1014/4814 = 21	.39

Pelos resultados expressos na tabela 3, acima, vê-se que as mulheres são favorecedoras da aplicação das variantes R2 e R3 e inibem o uso de R1. Já os homens, probabilisticamente falando, empregam mais as variantes rurais do que as mulheres e desfavorecem o uso das outras duas variantes.

Inferimos daí que as mulheres usam menos as variantes não-padrão, estigmatizadas e conservadoras, preferindo as formas de prestígio ou, pelo menos, não estigmatizadas, isto é, neutras. Seu comportamento linguístico, portanto, está longe de ser conservador, como pressupõem, de um modo geral, alguns estudiosos. Corvalán (1988, p.71), que cita muitos desses estudiosos, observa, no entanto, que em alguns estudos esse comportamento conservador pode não se verificar e diz que “esta conduta a veces contradictoria y sorprendente puede explicarse en aquellos casos en que el cambio es en la dirección del dialecto estándar.”

É o que ocorre neste caso, em que as mulheres são impulsoras da mudança, a qual é no sentido de suprimir variantes conservadoras, como as rurais, dando lugar ao novo padrão, que são as fricativas, a exemplo de outras cidades brasileiras como Belo Horizonte e Rio de Janeiro. (Cf. Oli-

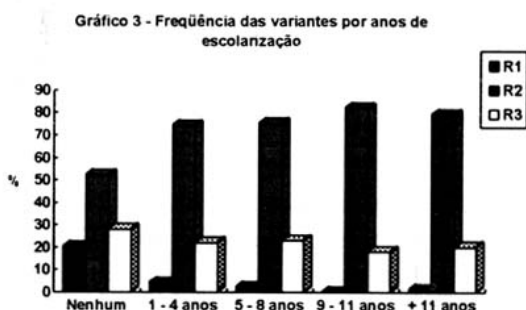
veira, (1983) e Callou, (1987)). O apagamento segue como uma variante paralela, estando mais condicionada lingüisticamente, como se verá mais adiante.

Concerne a variável escolaridade, como foi dito anteriormente, quanto maior o grau de escolarização de uma pessoa, maior será o seu nível de conscientização lingüística. Isso, certamente, é um fator significativo nos fenômenos variacionistas, pois pode-se, a partir da recorrência de uma variante em um dado grupo, determinar se tal variante é uma forma estigmatizada, de prestígio ou, ainda, neutra.

Uma forma de prestígio se distingue de uma forma neutra, ou não marcada, em termos dos contextos de seu uso e sobretudo de seus usuários. As formas de prestígio ocorrem em contextos mais formais, mais 'nobres', entre interlocutores que ocupam posições mais elevadas na escala social.

[...] A forma estigmatizada tende a despertar uma reação negativa na maioria dos usuários da língua, é objeto de crítica aberta por parte dos usuários das formas prestigiadas e é registrada como problemática nas gramáticas escolares e nos manuais de ensino e estudo da língua, sobretudo nos cursos de primeiro e segundo graus. (Votre in Mollica, 1992, p.75).

Inicialmente, observamos as percentagens de ocorrência das variantes em todos os graus de escolarização, o que está demonstrado no gráfico 3.



Percebemos que as variantes rurais (R1) incidem mais na fala dos informantes com nenhum ou poucos anos de escolarização e vai diminuindo gradativamente à medida em que aumenta o grau de escolarização. As

fricativas, por sua vez, predominam em todos os grupos, sendo acima de 50% sua menor frequência no grupo dos analfabetos. Nos demais grupos fica entre 74% e 82%. O apagamento permanece estável em todos os grupos examinados, oscilando sua frequência entre a mínima de 18% e a máxima de 28%.

Na impossibilidade de rodar todos os dados juntos, devido à formação de um grande número de células, optamos por amalgamar os fatores com percentuais de frequência aproximados. Dessa forma, unimos os grupos de 1 a 4 anos de escolarização e 5 a 8, equivalentes à instrução de 1º grau, e os grupos de 9 a 11 e mais de 11, que correspondem ao 2º grau e universidade. O grupo dos analfabetos permaneceu isolado em razão de apresentar um comportamento muito diverso dos demais.

Feitos os amalgamentos, obtivemos os resultados que aparecem na tabela 4, logo a seguir. Na análise dessa última variável social, podemos comprovar o uso das fricativas como padrão, pois são as preferidas dos informantes de 2º grau em diante, como se vê pelo índice de .62, que favorece a aplicação das mesmas. O peso relativo dos informantes de 1º grau, que é de .37, favorece menos, já que está apenas um pouco acima do ponto neutro. O valor de .10 dos analfabetos revela que eles inibem a aplicação das fricativas.

Tabela 4
Frequência e probabilidade de aplicação das variantes pela escolaridade

Escolaridade	R1 [r], [ʎ] e [i] ou [u]		R2 [x] ou [h]		R3 [Ø]	
	APL./TOTAL = %	P. REL.	APL./TOTAL = %	P. REL.	APL./TOTAL = %	P. REL.
Analfabeto	297/1491 = 20	.65	772/1491 = 52	.10	422/1491 = 28	.25
1º grau	138/4699 = 3	.31	3500/4699 = 74	.37	1061/4699 = 23	.32
2º grau acima	25/3669 = 1	.11	2953/3669 = 80	.62	691/3669 = 19	.27

Confirmamos, ainda, o desprestígio das variantes rurais, as quais são rejeitadas pelo grupo mais escolarizado, como mostra o índice de .11, bem abaixo de .33, inibindo o seu uso, enquanto que os analfabetos favorecem-no com .65. Os informantes de 1º grau apresentaram valor muito próximo do ponto neutro, inibindo levemente a aplicação dessas variantes.

Aqui, também, o apagamento é estável, não sendo favorecido por nenhum dos grupos observados, reforçando a idéia de que ele não sofre condicionamento social, mas apenas lingüístico, como veremos a seguir.

Como apresentaram percentuais muito aproximados, os vocábulos dissílabos e trissílabos foram amalgamadas em oposição aos polissílabos, obtendo-se os valores expressos na tabela 5.

Tabela 5
Frequência e probabilidade de aplicação
das variantes por dimensão do vocábulo

Dimensão do Vocábulo	R1 [r], [γ] e [i] ou [u]		R2 [x] ou [h]		R3 [Ø]	
	APL./TOTAL = %	P. REL.	APL./TOTAL = %	P. REL.	APL./TOTAL = %	P. REL.
Até 3 sílabas	414/8148 = 5	.38	6047/8148 = 74	.36	1687/8148=21	.25
+ 3 sílabas	46/1711 = 3	.28	1178/1711=69	.29	487/1711 = 28	.43

Ainda que se possa estabelecer um contraste entre as realizações R1 e R2 e o apagamento (R3), no qual este seria favorecido pelos vocábulos com mais de três sílabas e aquelas, pelos vocábulos com até três sílabas, os resultados estão muito próximos do ponto neutro (.33), o que torna essa variável inexpressiva.

Quanto à classe morfológica, o advérbio, uma das classes postuladas no início, apresentou um número muito pequeno de ocorrências e foi anexado ao grupo "outras classes". A tabela 6 mostra os resultados obtidos.

Tabela 6
Frequência e probabilidade de aplicação
das variantes por classe morfológica

Classe Morfológica	R1 [r], [γ] e [i] ou [u]		R2 [x] ou [h]		R3 [Ø]	
	APL./TOTAL = %	P. REL.	APL./TOTAL = %	P. REL.	APL./TOTAL = %	P. REL.
Verbo	80/1701 = 5	.44	1286/1701 = 76	.36	335/1701 = 20	.20
Substantivo	214/4283 = 5	.36	3164/4283 = 74	.41	905/4283 = 21	.23
Adjetivo	126/1373 = 9	.54	1154/1373 = 84	.35	93/1373 = 7	.11
Outras classes	40/2502 = 2	.05	1621/2502=65	.09	841/2205 = 34	.86

O adjetivo é o maior responsável pelo uso das variantes R1 e R2, sendo também o maior inibidor do apagamento. Verbo e substantivo vêm em seguida, apresentando resultados aproximados. O contraste fica por

conta das outras classes, que possuem o mais alto índice de apagamento, .86, e os mais baixos índices de aplicação das variantes rurais e das fricativas, respectivamente, .05 e .09. Isso pode ser atribuído, principalmente, à conjunção *porque*, muito frequente, por sinal, cuja pronúncia, na fala espontânea, é, muitas vezes, negligenciada. Deve-se, portanto, a exemplo do que faz Oliveira (1983), desconsiderar essa variável como significativa.

O contexto fonológico precedente é outra variável cujos resultados não demonstraram exercer muita influência na escolha das variantes. A tabela 7, logo a seguir, traz valores muito próximos de .33, o ponto neutro, com poucos contrastes. A tendência das vogais posteriores ao apagamento deve-se também à conjunção *porque* pelo mesmo motivo expresso na seção anterior. Um outro aspecto que chama a atenção é a baixa frequência de zero fonético, quando o elemento antecedente é a vogal a, o que, talvez, seja decorrente do seu caráter de vogal forte e absoluta.

Tabela 7

Frequência e probabilidade de aplicação das variantes pelo contexto fonológico precedente

Contexto Precedente	R1 [r], [ɣ] e [i] ou [u]		R2 [x] ou [h]		R3 [∅]	
	APL./TOTAL = %	P. REL.	APL./TOTAL = %	P. REL.	APL./TOTAL = %	P. REL.
Vogal posterior	147/4732 = 3	.22	3391/4732 = 72	.23	1194/4732 = 25	.55
Vogal anterior	227/3620 = 6	.41	2529/3620 = 70	.37	864/3620 = 24	.22
Vogal central	86/1507 = 6	.35	1305/1507 = 87	.38	116/1507 = 8	.27

O contexto fonológico seguinte revelou-se a variável mais importante no condicionamento das variantes. A classificação inicial não pôde ser rodada pelo TVARB, devido ao baixo número de ocorrências de alguns fatores, que ocasionou a formação de *knowckouts*. Agrupamos, então, as consoantes pelo traço [±contínuo] e obtivemos os resultados expostos na tabela 8.

Tabela 8
 Frequência e probabilidade de aplicação das variantes
 pelo contexto fonológico seguinte

Contexto Seguinte	R1 [r], [ɣ] e [i] ou [u]		R2 [x] ou [h]		R3 [Ø]	
	APL/TOTAL = %	P. REL.	APL/TOTAL = %	P. REL.	APL/TOTAL = %	P. REL.
- contínuo	421/8289 = 5	.30	7047/8289 = 85	.68	821/8289 = 10	.02
+ contínuo	39/1570 = 2	.07	178/1570 = 11	.03	1353/1570 = 86	.90

Observamos que as consoantes com o traço [-contínuo], como é o caso das plosivas p, b, m, t, d, n, l, k e g, são inibidoras do apagamento (.02) e favorecedoras das fricativas (.68), ficando próximas do ponto neutro, na realização das variantes rurais (.30). Já as consoantes f, v, x, j, s e z, caracterizadas pelo traço [+contínuo], funcionam como as maiores condicionadoras do apagamento, com um índice de .90, o mais alto encontrado nos dados, e como inibidoras das realizações fricativas e rurais, com os mais baixos índices registrados, respectivamente, .07 e .03, corroborando com alguns resultados de Oliveira (1983), que apontam as consoantes contínuas como favorecedoras do apagamento do r.

A variável tonicidade apresentou resultados muito homogêneos que não nos permitem atribuir-lhe significação condicionadora. Apenas, as variantes rurais opõem-se às demais como favorecidas pelas sílabas tônicas e inibidas pelas átonas. Os valores das fricativas e do apagamento são muito semelhantes, como se pode observar na tabela 9.

Tabela 9
 Frequência e probabilidade de aplicação
 das variantes pela tonicidade silábica

Tonicidade	R1 [r], [ɣ] e [i] ou [u]		R2 [x] ou [h]		R3 [Ø]	
	APL/TOTAL = %	P. REL.	APL/TOTAL = %	P. REL.	APL/TOTAL = %	P. REL.
Átona	172/6743 = 3	.20	4896/6743 = 73	.39	1675/6743 = 25	.41
Tônica	288/3116 = 9	.50	2329/3116 = 75	.26	499/3116 = 16	.24

5 Conclusão

Com este estudo⁴, obtivemos um panorama geral do comportamento variável da vibrante pós-vocálica no interior de vocábulos, na cidade de João Pessoa.

Primeiramente, observamos o completo desaparecimento da articulação anterior de vibração múltipla, a qual, a exemplo de outras cidades brasileiras, deu lugar a uma fricção posterior. Além da pronúncia fricativa, encontramos realizações vibrantes simples, retroflexas e vocalizações.

O apagamento, que geralmente está associado apenas à vibrante final, foi verificado também em posição interna, tendo ocorrido em 22% dos casos. Constatamos que ele não está marcado socialmente, sendo considerado uma variável estável, pois ocorre de maneira regular em todos os grupos sociais. Está fortemente condicionado pela presença de consoantes contínuas no contexto seguinte, o que confirma os resultados de Oliveira (1983).

A realização fricativa foi a mais recorrente em todos os grupos, sendo vista como a forma padrão, que tende a manter-se a julgar pelos altos índices de ocorrência na faixa etária mais jovem.

As demais realizações, vibrante simples, retroflexa e vocalização, associadas aos falares do homem do campo, foram consideradas conservadoras e estigmatizadas, já que a sua maior incidência está entre os informantes do sexo masculino, de idade mais avançada e com nenhum ou poucos anos de escolarização. Inferimos que as mesmas tendem a desaparecer completamente, visto que praticamente não ocorrem entre os jovens.

Confirmamos, com esses resultados, o papel inovador das mulheres paraibanas, as quais são impulsoras da mudança, que se dá no sentido de suprimir essas variantes conservadoras e estigmatizadas e instaurar o novo padrão, que é a fricativa.

Esperamos que este trabalho possibilite uma visão melhor do processo de variação e de mudança por que passa a vibrante pós-vocálica em João Pessoa, e venham a oferecer alguma contribuição para estudos relacionados ao português falado no Brasil.

6 Referências Bibliográficas

- AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira. 3.ed. São Paulo : Hucitec, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- BUENO, F. S. Gramática normativa da língua portuguesa. São Paulo: Livraria Acadêmica, 1944.
- CALLOU, Dinah M. I. Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : UFRJ, 1987. Tese de Doutorado.
- CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis : Vozes, 1970.
- _____. Problemas de linguística descritiva. Petrópolis : Vozes, 1971.
- _____. História e estrutura da língua portuguesa. Rio de Janeiro : Padrão, 1975.
- CHAMBERS, J. K. Sociolinguistics theory. Oxford : Blackwell, 1995.

- CHOMSKY, Noam. Aspectos da teoria da sintaxe. Trad. por José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra : Armênio Amado, 1975. Trad. de *Aspects of theory of syntax*, 1965.
- CORVALÁN, C. Silva. Sociolingüística : teoría e análisis. Madrid: Alhambra, 1988.
- COUTINHO, Ismael de Lima. Pontos de gramática histórica. Rio de Janeiro : Livraria Acadêmica. 1954.
- CUNHA, Celso. Língua portuguesa e realidade brasileira. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro. 1968.
- GAYA, Samuel G. Elementos de fonética general. Madrid : Gredos, 1953.
- HAMMARSTRÖM, Göram. Étude de phonétique auditive sur les parlers de l'Algarve. Uppsala : Almqvist & Wiksells, 1953.
- LABOV, William. The social stratification of English in New York city. Washington : Center of Applied Linguistics, 1966.
- _____. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. *Language*, v. 45, n. 4, p. 715 - 762, 1969.
- _____. Sociolinguistics patterns. Philadelphia : University of Pennsylvania Press, 1972.
- LINDAU, Mona. The story of /r/. Phonetic linguistics. Academic Press, 1985. A fonética
- MALMBERG, Bertil. A fonética. Lisboa : Livros do Brasil, 1954.
- MARQUARDT, Lia L. A vibrante no Rio Grande do Sul : uma análise computacional. Porto Alegre : UFRGS, 1977. Dissertação de Mestrado.
- MOLLICA, Maria Cecília. (Org.) Introdução à sociolingüística variacionista. Rio de Janeiro : UFRJ, 1992.
- MONARETTO, Valéria N. O. A vibrante : representação e análise sociolingüística. Porto Alegre : UFRGS, 1992. Dissertação de Mestrado.
- OLIVEIRA, Fernão de. A gramática da linguagem portuguesa. Int. leitura actualizada e notas de M. L. BUESCO. Lisboa : IN-CM, 1975.
- OLIVEIRA, Marco A. de. Phonological variation and change in brazilian Portuguese : the case of the liquids. Philadelphia : University of Pennsylvania, 1983. Dissertation in Linguistics.
- PINTO, Ivone I. e FIORETT, Maria Thereza G. Tutorial para o pacote VARBRUL. 1992. mimeo.
- PINTZUK, Susan. VARBRUL programs, 1988. mimeo. (Original em inglês. Trad. de Ivone I. Pinto e Maria Thereza G. Fiorett e coord. de Maria Marta Pereira Scherre).
- PROJETO VALPB -Variação lingüística no estado da Paraíba. Coord. Dermeval da Hora Oliveira, 1995. mimeo.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. Trad. por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 9. ed. São Paulo : Cultrix, 1977. Trad. de *Cours de linguistique générale*, 1916.
- SCHERRE, Maria Marta P. Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores. Brasília : UFRJ/UNB, 1993. mimeo.

- TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. São Paulo : Ática, 1985.
- TEYSSIER, Paul. La langue de Gil Vicente. Paris : L'Arrousse, 1959.
- VOTRE, Sebastião J. Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : PUC/RJ, 1978. Tese de Doutorado.
- WEINREICH, Uriel, LABOV, William e HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. Directions for historical linguistics : a symposium. Ed. Winfred P. Lehmann e Yakov Malkiel. Austin : University of Texas Press, p. 95 - 188, 1968.